

«Bit bit Brasil»... ou a fabulosa Fernanda Abreu

O público demorou a aquecer perante o «show» caloroso e mestiço que, como reza «Raio X», junta o pandeiro e a disquete

MIGUEL GASPAR

A Praça Sony encheu, mas demorou a aquecer. Havia menos bandeiras verdes e amarelas à vista do que seria imaginável. Fernanda Abreu teve de enfrentar, sábado à noite, um público pouco familiarizado com o seu trabalho. Que acabou por se render à qualidade e originalidade da mais expressiva presença do Brasil dos anos 90 ouvida na Expo, em grande parte por via do excepcional bicho de palco que a menina sangue bom mostrou ser. No final, Fernanda Abreu alinhava sambas tradicionais cuja métrica encaixava com precisão nos poderosos balanços *funk* produzidos por uma secção

rítmica de respeito. Samba *funk*, diz ela. Mas também *hip hop* e rock, por via de uma inesperada citação de *Hey Joe*, de Jimi Hendrix, encaixada em *Bloco Rap Rio*.

Tudo começou frio, porém, com a cantora a seguir à risca o alinhamento do álbum *Raio X*, enquanto se sucediam no ecrã gigante imagens de bandeiras cujas cores se iam transformando nas do Brasil. A tranquilidade doce de *Aquarela Brasileira* e a energia urbana de *Jack Soul Brasileiro* não agarraram a «galera» (Fernanda *dixit*). Só quando as imagens do palco surgiram no Jumbotron as coisas começaram a aquecer. *Garota Sangue Bom* apareceu mais cedo do que seria de esperar. Mas

Fernanda Abreu teve que pedalar muito para conquistar um público eventualmente mais predisposto para o cliente seguinte, Gabriel o Pensador.

Mas que poder em cima do palco! Uma fusão fabulosa onde o *feeling* genuíno da tradição brasileira sobrevive intacto e ao assalto dos tempos *funk* puxados para trás e a uma absoluta e visível marca de Prince, de quem Kiss foi citado de forma directa e enquanto onomatopeia.

Surpresa foi uma sequência de temas *unplugged*, num espectáculo onde *samples* e electrónica tiveram menos protagonismo do que os trabalhos de estúdio deixariam antever. Ouviram-se aí temas de

notável sabor pop, como *Um Amor, Um Lugar*, e a genial versão de Fernanda Abreu para *Jorge de Capadocia*, precedido de vénia a Jorge Ben. Quem pensava que Caetano tinha deixado a versão definitiva do tema... Homenagens em palco ainda para Chico Science e Herbert Viana, autor de *Um Amor, Um Lugar*.

Antes, ela lançara o grito de guerra – «o Brasil é o país do suíngue». E mesmo sentada num banco para os temas *unplugged* ela não parava de suingar. Fernanda dança, não pára, comunica, mas é sobretudo a enorme intensidade com que se entrega à música que faz dela uma enorme *show woman*. Roupa simples e sem adere-

ços, já não é tempo das frigideiras/*soutien* com que Fernanda Abreu actualiza os chapéus de Carmen Miranda.

Para o fim, a explosão. *Veneno da Lata, Bloco Rap Rio* e, sobretudo, *Rio 40 Graus* arrasaram. Com refrões para o povo como *Mike Tyson free, te-re-re*. E o povo a responder. Meu Deus! O que tem Mike Tyson a ver com o Brasil? Vá lá que ela falou de Ronaldo e Rivaldo. O *drible* aqui é universal. Acima de tudo, Fernanda Abreu está entre os que provam ser possível acrescentar qualquer coisa à tradição que vem de Tom Jobim e Chico Buarque. Deus talvez não seja brasileiro. Mas James Brown...